

# Comercializar o café era difícil (também) naquele tempo



Se hoje os cafeicultores reclamam da política governamental que lhes impõe um rigoroso confisco cambial e estabelece preços de garantia considerados insatisfatórios, sua situação há precisamente cinquenta anos - próximos à efervescente crise econômica que se avizinhava e que iria mudar seus destinos - já não era tão boa quanto se pode pensar.

Em seu número de agosto de 1929, "A Rural" publicava artigo de autoria de Bento A. Sampaio Vidal onde a preocupação de então localizava-se, não nas confiscatórias resoluções do IBC, mas sim num personagem muito perigoso, denominado "especulador americano", que tinha o poder de estocar grandes quantidades de produto manipulando o mercado e deixando aos cafeicultores uma fatia menos na renda gerada pelo café. A "retenção" apresentava o outro gume da faca, passava a ser utilizada pelos compradores e não por quem produzia. A solução, na opinião do articulista, era a "regularização das entregas da mercadoria ao consumo". Através dela poderíamos estabelecer preços que compensassem os custos de produção. Foi dessa campanha que nasce o Instituto da Defesa Permanente do Café, avô do atual IBC mas gerido, à época, por cafeicultores.

Em sua defesa da regularização, assim argumentava Bento A. Sampaio: "Nos dias angustiosos

que passamos, os fazendeiros de café, em que o especulador americano nos obrigava a entregar-lhe o produto do nosso trabalho, por preço inferior ao do custo de produção, fizemos uma campanha memorável para obtermos dos poderes públicos a instituição da "Defeza Permanente". A Sociedade Rural Brasileira foi o centro da campanha.

Depois de muitas luctas, conseguimos vê concretizadas a nossa aspiração no Instituto de Café. Esta instituição tem dado ao Brasil milhões de contos de réis de lucros. Pode-se dizer que foi ella quem salvou o paiz dos erros económicos e financeiros.

A defeza do café consiste, pode-se dizer, numa só medida, a regularização das entregas da mercadoria ao consumo. Ao redor della giram todas as outras. Suprimida a regularização das entregas ao consumo, está por terra todo o edificio. A regularização quer dizer o "stock" em nossas mãos. No dia em que entregarmos ao especulador americano maior quantidade de café que o consumo exige, elle, de posse da mercadoria, nos imporá o preço. Ninguém pode se iludir, o americano, senhor da mercadoria nos pagará cinco mil réis por dez kilos, dada a nossa falta de resistencia. É o comerciante mais violento que se conhece.

Por todos os modos delle procura destruir a resistencia do Instituto. Descobriram uma palavra magica com a qual impressionam o espirito de alguns brasileiros pouco conhecedores do problema e das inteligentes e capciosas manobras comerciais. Essa palavra é "reten-

ção". Da retenção do café provem todos os nossos males, desde a alta dos generos alimenticios, falta de cambiases, crise das industrias fundadas sem base e até mesmo a solução do problema da sucessão presidencial. Acaba-se com a "retenção" e o Brasil nadará em mar de rosas.

Entretanto, a "retenção" é o resultado de uma experiencia que vem de 1884, do Syndicato de Santos, que não aguentou por não ter recursos. Foi um sonho de poucas firmas commerciaes de Santos: Telles Netto & cia., J. F. Lacerda e Cia., Guye, Mattos e Cia., R. Wursten e Cia.

Em 1911, o americano Silken, em carta ao dr. Sampaio Vidal, secretario da Fazenda, dizia não compreender como o Brasil, senhor da producção do café, entregava sua mercadoria em quatro mezes ao mercado consumidor nada ganhando pelo seu trabalho. O presidente Rodriguez Alves fez referencia a essa opinião em sua mensagem ao congresso do Estado.

Não há duas limitações, maior ou menor. Ou o Brasil domina o mercado e obtém um preço razoável ou os especuladores americanos dominam e pagam os seus preços que levam à ruina os produtores do paiz. Tudo mais é ilusão. O consumo augmenta sempre, tanto com os preços altos como com baixos. Os preços para o consumidor são sempre os mesmos, quem ganha a differença é o intermediário com a sua poderosa organização. É o que ensinam as estatisticas. Podemos affirmar porque já organizamos uma de 1864 a 1911.